

# origens da fundação

isaac asimov

Tradução de Jorge Colaço



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



**PARA  
TODOS OS  
MEUS  
LEITORES  
FIÉIS**





## **PRIMEIRA PARTE**

**ETO DEMERZEL 11**

## **SEGUNDA PARTE**

**CLÉON I 95**

## **TERCEIRA PARTE**

**DORS VENABILI 175**

## **QUARTA PARTE**

**WANDA SELDON 259**

## **QUINTA PARTE**

**EPÍLOGO 359**





# PRIMEIRA PARTE

ETO DEMERZEL

**DEMERZEL, ETO** — ... Ao mesmo tempo que não há qualquer dúvida de que era Eto Demerzel quem verdadeiramente detinha o poder no governo durante a maior parte do reinado do Imperador Cléon I, os historiadores dividem-se quanto à natureza da sua governação. A interpretação clássica é a de que ele foi mais um de uma longa linhagem de opressores fortes e implacáveis no derradeiro século de um Império Galáctico indiviso, mas há visões revisionistas que emergiram e que insistem que o seu despotismo teve um cariz benevolente. Esta visão dá muita importância ao seu relacionamento com Hari Seldon, embora isso permaneça para sempre incerto, particularmente durante o episódio incomum de Laskin Joranum, cuja ascensão meteórica...

#### **ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Todas as citações da *Enciclopédia Galáctica* aqui reproduzidas foram retiradas da 116.<sup>a</sup> edição, publicada em 1020 E.F. pela Companhia Editora da Enciclopédia Galáctica, Terminus, com autorização dos editores.



— **D**igo-lhe de novo, Hari — pronunciou Yugo Amaryl —, que o seu amigo Demerzel está em grandes sarilhos. — Enfatizou muito ligeiramente a palavra «amigo», com um inconfundível ar de desagrado.

Hari Seldon detetou a nota de azedume e ignorou-a. Levantou os olhos do seu tricomputador e disse:

— De novo te digo, Yugo, que isso é um disparate. — E depois, com um vestígio de aborrecimento, apenas um vestígio, acrescentou: — Porque me estás a fazer perder tempo com essa insistência?

— Porque acho que é importante. — Amaryl sentou-se, numa atitude de desafio. Era um gesto que indicava que não se moveria dali facilmente. Estava ali e ali ficaria.

Oito anos antes, fora dissipador de calor no Sector Dahl — o mais baixo na escala social que era possível ser. Tinha sido tirado dessa posição por Seldon, tendo sido transformado num matemático e intelectual — mais do que isso, num psico-historiador.

Nunca, nem por um minuto, ele se esqueceu do que tinha sido e de quem era agora e a quem devia a mudança. Isso significava que, se tivesse de falar com aspereza a Hari Seldon — para bem do próprio Hari Seldon —, nenhuma consideração de respeito e amor pelo homem mais velho e nenhuma consideração pela sua própria carreira o impediria. Devia essa aspereza — e muito mais — a Seldon.

— Escute, Hari — disse ele, cortando o ar com a mão esquerda —, por alguma razão que está para além do meu entendimento, você tem este Demerzel numa elevada opinião, mas eu não tenho. Ninguém cuja opinião eu respeite, exceto você, pensa bem dele. Não me interessa o que lhe acontece a ele pessoalmente, Hari, mas enquanto eu pensar que *você se importa*, não tenho alternativa senão chamar-lhe a atenção para isto.

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

Seldon sorriu, tanto em relação à franqueza do outro como em relação ao que ele considerava ser a inutilidade da sua preocupação. Gostava de Yugo Amaryl — mais do que gostava. Yugo era uma das quatro pessoas que ele encontrara durante aquele breve período da sua vida em que estivera em fuga através da superfície do planeta Trantor — Eto Demerzel, Dors Venabili, Yugo Amaryl e Raych —, quatro como não tinha encontrado desde então.

De uma forma particular e em cada caso diferente, estes quatro eram-lhe indispensáveis — Yugo Amaryl por causa do seu rápido entendimento dos princípios da psico-história e das suas imaginativas explorações de novas áreas. Era reconfortante saber que, se alguma coisa acontecesse a Seldon antes de a matemática do campo poder estar completamente elaborada — e quão lentamente ela avançava e quão volumosos eram os obstáculos —, haveria pelo menos uma boa mente que continuaria a investigação.

Disse:

— Lamento, Yugo. Não é minha intenção ser impaciente contigo ou rejeitar liminarmente aquilo que estás tão ansioso por me fazer compreender. É só este meu trabalho; é esta coisa de ser chefe de departamento...

Foi a vez de Amaryl sorrir, reprimindo uma pequena risada.

— Lamento, Hari, e eu não deveria rir-me, mas você não tem qualquer aptidão natural para o cargo.

— Como eu bem sei, mas terei de aprender. Tenho de parecer estar a fazer alguma coisa inofensiva e não há nada, *nada*, mais inofensivo do que ser chefe do Departamento de Matemática da Universidade de Streeling. Posso encher o meu dia com tarefas sem importância, para que ninguém precise de saber ou perguntar acerca do andamento da nossa investigação psico-histórica, mas o problema é que eu *realmente* encho o meu dia com tarefas sem importância e não tenho tempo suficiente para... — Olhou em volta do gabinete para o material armazenado em computadores aos quais só ele e Amaryl podiam aceder e nos quais, mesmo se mais alguém esbarrasse com eles, tinha sido cuidadosamente introduzida uma simbologia inventada que mais ninguém compreenderia.

Amaryl disse:

— Assim que os seus deveres forem maiores, começará a delegar e depois terá mais tempo.

— Espero que sim — respondeu Seldon, com ceticismo. — Mas, diz-me, o que há acerca do Eto Demerzel que é tão importante?

— Simplesmente que o Eto Demerzel, o Primeiro-Ministro do nosso grande Imperador, está atarefadíssimo a criar uma insurreição.

Seldon franziu o cenho.

— Porque haveria ele de querer fazer isso?

— Eu não disse que ele quer. Está pura e simplesmente a fazê-lo, quer ele o saiba quer não, e com ajuda considerável de alguns dos seus inimigos políticos. Por mim, está tudo bem, compreende? Acho que, em condições ideais, seria uma coisa boa tê-lo fora do Palácio, fora de Trantor... longe do Império, já agora. Mas, como eu disse, você tem-no em grande conta e estou a avisá-lo porque suspeito que não esteja a seguir tão de perto como deveria o curso dos acontecimentos políticos recentes.

— Há coisas mais importantes para fazer — disse Seldon, suavemente.

— Tal como a psico-história. Concordo. Mas como vamos nós desenvolver a psico-história com alguma esperança de sucesso, se ignorarmos a política? Quero dizer, a política atual. Agora, *agora*, é o momento em que o presente se transforma no futuro. Não podemos só estudar o passado. Sabemos o que aconteceu no passado. É em função do presente e do futuro próximo que podemos verificar os nossos resultados.

— Parece-me — disse Seldon — que já ouvi esse argumento antes.

— E vai ouvi-lo de novo. Parece não servir de nada explicar-lhe isto.

Seldon suspirou, recostou-se na sua cadeira, e olhou Amaryl com um sorriso. O homem mais novo podia ser abrasivo, mas levava a psico-história a sério — e isso compensava tudo.

Amaryl ainda tinha marcas dos seus anos iniciais como dissipador de calor. Tinha a largura de ombros e a musculatura de quem fora habituado a trabalho físico duro. Não deixara que o seu corpo se tornasse flácido e isso era bom, pois também inspirava Seldon a resistir ao impulso de passar todo o seu tempo à secretária. Não tinha a pura força física de Amaryl, mas ainda possuía os seus reflexos e capacidades físicas — apesar de ter acabado de entrar nos quarenta e de não os poder manter para sempre. Mas por agora, continuaria. Graças aos seus exercícios diários, a sua cintura mantinha-se em forma e as suas pernas e braços continuavam firmes.

Ele disse:

— Essa preocupação com o Demerzel não pode ser meramente por ele ser meu amigo. Deves ter algum outro motivo.

— Isso não é propriamente um enigma. Uma vez que é amigo do Demerzel, a sua posição aqui na Universidade está segura e pode continuar a trabalhar na investigação da psico-história.

— Aí está. Então eu tenho *realmente* uma razão para ser amigo dele. Nada que esteja para além da tua compreensão.

— Tem interesse em *cultivar* a sua amizade. O que eu compreendo. Mas

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

quanto a ser amigo dele... isso, eu não compreendo. Porém, se o Demerzel perder poder, independentemente do efeito que isso poderia ter na sua posição, então o próprio Cléon estaria a comandar o Império e o ritmo do declínio aumentaria. Então, a anarquia cair-nos-ia em cima antes de termos resolvido todas as implicações da psico-história e antes de ela ter tornado possível que a ciência salve toda a humanidade.

— Entendo... Mas, sabes, eu sinceramente não acho que iremos resolver a psico-história a tempo de impedir a Queda do Império.

— Mesmo que não conseguíssemos impedir a Queda, poderíamos amortecer os efeitos, não é verdade?

— Talvez.

— Aí está, então. Quanto mais tempo tivermos para trabalhar em paz, maior a possibilidade de impedirmos a Queda, ou, pelo menos, de remediar os seus efeitos. Uma vez que esse é o caso, vendo em retrospectiva, pode ser necessário salvar o Demerzel, quer nós, ou, pelo menos, *eu*, gostemos ou não.

— No entanto, acabaste de dizer que gostarias de o ver fora do Palácio e de Trantor e longe do Império.

— Sim, em condições ideais, disse eu. Mas não vivemos em condições ideais e precisamos do nosso Primeiro-Ministro, ainda que ele seja um instrumento de repressão e despotismo.

— Estou a ver. Mas porque achas que o Império está tão perto da dissolução que a perda de um Primeiro-Ministro a vai desencadear?

— Psico-história.

— Estás a utilizá-la para fazer previsões? Ainda nem sequer estabelecemos a estrutura. Que previsões podes fazer?

— Existe a intuição, Hari.

— *Sempre* houve intuição. Queremos alguma coisa mais do que isso, não queremos? Queremos um tratamento matemático que nos dê probabilidades de desenvolvimentos futuros específicos nestas ou naquelas condições. Se a intuição basta para nos guiar, não precisamos da psico-história para nada.

— Não é necessariamente uma questão de uma ou outra, Hari. Estou a falar de ambas: a combinação, que pode ser melhor do que cada uma delas... pelo menos até a psico-história ser aperfeiçoada.

— Se isso alguma vez acontecer — disse Seldon. — Mas diz-me, onde surge este perigo para o Demerzel? Que coisa é essa que o pode prejudicar ou derrubá-lo? Estamos a falar do derrube do Demerzel?

— Sim — disse Amaryl, e uma expressão sombria instalou-se-lhe no rosto.

— Então, diz-me. Tem piedade da minha ignorância.

Amaryl corou.

— Está a ser condescendente, Hari. Certamente que já ouviu falar do Jo-Jo Joranum.

— Certamente. É um demagogo... Espera, de onde é que ele é? De Nishaya, certo? Um mundo sem grande importância. Pastoreio de cabras, creio. Queijos de grande qualidade.

— Isso mesmo. Porém, não é apenas um demagogo. Tem uma grande quantidade de seguidores que está cada vez maior. Ele diz que visa a justiça social e um maior envolvimento político das pessoas.

— Sim — disse Seldon. — Até aí, eu já ouvi dizer. O seu lema é: «O governo pertence ao povo».

— Não é bem, Hari. Ele diz: «O governo é o povo».

Seldon assentiu.

— Bem, tu sabes que eu simpatizo bastante com a ideia.

— Também eu. Sou totalmente a favor disso... se o Joranum estivesse a falar a sério. Mas não está, a não ser como trampolim. É um caminho, não um objetivo. Ele quer ver-se livre do Demerzel. Depois disso, será fácil manipular o Cléon. Depois, o próprio Joranum assumirá o trono e será *ele* o povo. Você próprio me disse que houve uma quantidade de episódios deste género na história imperial... e hoje em dia o Império está mais fraco e menos estável do que costumava. Um golpe que, séculos atrás, apenas o faria estremecer, poderia agora despedaçá-lo. O Império mergulharia numa guerra civil e nunca recuperaria, e nós não teremos a psico-história pronta para nos ensinar o que deveria ser feito.

— Sim, entendo o teu ponto, mas certamente não vai ser assim tão fácil ver-se livre do Demerzel.

— Não sabe quão forte o Joranum está a ficar.

— Não importa quão forte ele esteja a ficar. — A sombra de um pensamento pareceu passar pela expressão de Seldon. — Pergunto-me por que razão os pais lhe puseram o nome de Jo-Jo. O nome tem qualquer coisa de infantil.

— Os pais dele não têm nada que ver com isso. O seu verdadeiro nome é Laskin, um nome muito comum em Nishaya. Foi ele próprio quem escolheu Jo-Jo, presumivelmente por ser a primeira sílaba do seu último nome.

— Mais tolo parece, não dirias?

— Não, não diria. Os seus seguidores gritam-no... «Jo...Jo... Jo... Jo»... vezes sem conta. É hipnótico.

— Bem — disse Seldon, fazendo um movimento para regressar ao seu

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

tricomputador e ajustar a simulação tridimensional que este criara —, veremos o que acontece.

— Consegue ser tão descontraído acerca disto? Estou a dizer-lhe que o perigo é iminente.

— Não, não é — disse Seldon, de olhar duro e a voz subitamente mais inflexível. — Não tens todos os factos.

— Que factos é que eu não tenho?

— Discutiremos isso noutra altura, Yugo. Por agora, continua com o teu trabalho e deixa que seja eu a preocupar-me com o Demerzel e o estado do Império.

Amaryl apertou os lábios, mas o hábito de obediência a Seldon era forte.

— Sim, Hari.

Mas não avassaladoramente forte. Quando chegou à porta virou-se e disse: — Está a cometer um erro, Hari.

Seldon esboçou um ligeiro sorriso.

— Não creio, mas ouvi o teu aviso e não o esquecerei. Ainda assim, tudo ficará bem.

Quando Amaryl saiu, o sorriso de Seldon desapareceu. Tudo iria ficar bem, na realidade?

## 2

**M**as Seldon, ao mesmo tempo que não esqueceu o aviso de Amaryl, não pensou nele com demasiada concentração. E o dia do seu quadragésimo aniversário chegou e passou — com o habitual golpe psicológico.

Quarenta! Já não era um jovem. A vida já não se estendia à sua frente como um vasto campo inexplorado em que o horizonte se perdia na distância. Estava em Trantor há oito anos e o tempo passara rapidamente. Mais oito anos e teria quase cinquenta. A velhice estaria bem próxima.

E ele ainda nem sequer tinha iniciado a sério a psico-história! Yugo Amaryl falava com brilho de leis e elaborava as suas equações fazendo suposições ousadas baseadas na intuição. Mas como era possível testar essas suposições? A psico-história ainda não era uma ciência experimental. O estudo completo da psico-história exigiria experiências que envolveriam mundos de gente, séculos de tempo... e uma total falta de responsabilidade ética.

Ela colocava um problema impossível e ele ressentia-se de ter de gastar

qualquer período de tempo que fosse em tarefas departamentais, por isso ia para casa ao final do dia com uma disposição sombria.

Normalmente, ele poderia sempre contar com uma caminhada através do *campus* para lhe levantar o moral. A Universidade de Streeling tinha cúpulas altas e o *campus* dava a sensação de estar ao ar livre sem a necessidade de sofrer o género de tempo que ele experimentara na sua única visita ao Palácio Imperial. Havia árvores, relvados, passeios, quase como se estivesse no *campus* da sua velha faculdade, no seu mundo natal de Helicon.

Fora montada nesse dia uma ilusão de nebulosidade, com a luz do sol (não havia sol, claro, apenas luz do sol) a aparecer e a desaparecer a intervalos desiguais. E estava um pouquinho de fresco, apenas um pouquinho.

Parecia a Seldon que os dias frescos apareciam com mais frequência do que era costume. Estaria Trantor a poupar energia? Existiria uma crescente ineficiência? Ou (e fez uma careta crispada para si próprio ao pensar nisso) estaria ele a ficar velho e o seu sangue a ficar ralo? Pôs as mãos nos bolsos do blusão e afundou a cabeça entre os ombros.

Normalmente não se dava ao trabalho de se orientar conscientemente. O seu corpo sabia perfeitamente o caminho de ida e volta desde o seu gabinete até à sala do seu computador e de lá até ao seu apartamento. Geralmente, caminhava com os pensamentos noutra coisa qualquer, mas hoje um som penetrava-lhe a consciência. Um som sem significado.

— Jo... Jo... Jo... Jo...

Era bastante suave e distante, mas trazia-lhe de volta uma recordação. Sim, o aviso de Amaryl. O demagogo. Ele estava ali, no *campus*?

As suas pernas guinaram sem que Seldon tivesse tomado uma decisão consciente e conduziram-no até ao cimo da pequena elevação que dava para o Campo Universitário, que era utilizado para exercícios de ginástica, desportos e para as práticas oratórias dos estudantes.

No meio do Campo estava uma multidão de estudantes de dimensão moderada a entoar cânticos entusiasticamente. Sobre um estrado estava alguém que ele não reconheceu, alguém com uma voz potente e um ritmo arrebatador.

Porém, não era aquele homem, Joranum. Ele vira Joranum na holo-visão umas quantas vezes. Desde o aviso de Amaryl, Seldon estivera mais atento. Joranum era grande e sorria com uma espécie de camaradagem perversa. Tinha um cabelo espesso cor de areia e olhos azul-claros.

Este orador era de alguma forma pequeno — delgado, de boca grande, cabelo escuro e sonoro. Seldon não estava a prestar atenção às palavras,

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

mas ouviu de facto a frase «poder de um para muitos» e o coro de vozes gritaram em resposta.

Ótimo, pensou Seldon, mas como é que ele tenciona fazer isso — e está ele a falar a sério?

Estava agora nas franjas da multidão e olhou em volta para ver se conhecia alguém. Avistou Finangelos, um licenciado em pré-matemática. Não era um mau jovem, tinha pele escura e cabelo crespo como lã.

— Finangelos — chamou ele.

— Professor Seldon — disse Finangelos após ter ficado a olhar durante um momento como se não fosse capaz de reconhecer Seldon sem um teclado na ponta dos dedos. Aproximou-se. — Veio ouvir este tipo?

— Não vim com nenhuma outra finalidade do que saber que barulho era este. Quem é ele?

— Chama-se Namarti, Professor. Está a falar a favor do Jo-Jo.

— Isso *ouço* eu — disse Seldon ao ouvir o cântico novamente. Aparentemente, ele recomeçava sempre que o orador enunciava um aspeto revelador.

— Mas quem é este Namarti? Não reconheço o nome. A que departamento pertence?

— Ele não é membro da Universidade, Professor. É um dos homens do Jo-Jo.

— Se não é membro da Universidade, não tem o direito de falar aqui sem autorização. Suponho que ele deve ter alguma autorização?

— Não lhe sei dizer, Professor.

— Bem, então vamos descobrir.

Seldon começou a introduzir-se na multidão, mas Finangelos agarrou-o pela manga.

— Não comece nada, Professor. Ele tem gorilas com ele.

Havia seis jovens atrás do orador, com algum espaço entre cada um, de pernas afastadas, braços cruzados, rosto carrancudo.

— Gorilas?

— Para o caso de alguém tentar armar-se em engraçado.

— Então certamente que ele não é membro da Universidade e nem mesmo uma autorização abrangeria aquilo a que chamas os seus «gorilas»... Finangelos, chama os agentes de segurança da Universidade. Já aqui deveriam estar sem ser preciso chamá-los.

— Suponho que não querem sarilhos — murmurou Finangelos. — Por favor, Professor, não tente nada. Se quer que eu vá chamar os agentes de segurança, eu vou, mas fique aqui à espera até eles virem.

— Talvez eu consiga acabar com isto antes de eles chegarem.

Começou a empurrar para abrir caminho. Não era difícil. Alguns dos presentes reconheceram-no e todos podiam ver a marca no ombro que indicava o seu estatuto de professor. Alcançou o estrado, pôs as mãos sobre ele, e saltou o metro e tal com um pequeno gemido. Pensou, com tristeza, que dez anos antes poderia ter feito aquilo com uma única mão e sem o gemido.

Endireitou-se. O orador tinha parado de falar e olhava-o com uma expressão desconfiada e dura como gelo.

Seldon disse, calmamente:

— A sua autorização para se dirigir aos estudantes, caro senhor.

— Quem é você? — perguntou o orador. Disse-o sonoramente e em crescendo.

— Sou membro da faculdade desta Universidade — respondeu Seldon, em voz igualmente alta. — A sua autorização, senhor?

— Nego o direito a questionar-me sobre o assunto. — Os jovens atrás do orador tinham-se juntado e aproximado mais.

— Se não tem nenhuma, aconselhá-lo-ia a abandonar imediatamente as instalações da Universidade.

— E se eu não o fizer?

— Bem, por um lado, os seguranças da Universidade estão a caminho daqui. — Virou-se para a multidão. — Estudantes — bradou ele —, temos liberdade de expressão e de reunião neste *campus*, mas ela pode ser-nos retirada se permitirmos que gente de fora, sem autorização, venha fazer...

Uma mão pesada tombou-lhe sobre o ombro e ele contraiu-se. Virou-se e viu que era um dos homens a que Finangelos se referira como «gorilas».

O homem disse, com um sotaque cerrado cuja proveniência Seldon não conseguiu identificar logo:

— Sai daqui... e *rapidamente*.

— De que servirá isso? — disse Seldon. — Os seguranças chegarão aqui a qualquer momento.

— Nesse caso — disse Namarti, com um sorriso feroz —, haverá um motim. Isso não nos assusta.

— Claro que não haveria de o assustar — disse Seldon. — Haveria até de gostar disso, mas não haverá um motim. Vão todos sair daqui calmamente. — Voltou-se novamente para os estudantes e sacudiu a mão que tinha sobre o ombro. — Nós iremos garantir isso, não é verdade?

Alguém na multidão gritou:

— Esse é o Professor Seldon! É bom tipo! Não lhe batam!

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

Seldon sentia a ambivalência da multidão. Sabia que haveria alguns que veriam com bons olhos uma briga com os seguranças da Universidade com base em princípios gerais. Por outro lado, tinha de haver alguns que gostavam dele pessoalmente e ainda outros que não o conheciam, mas que não iriam querer assistir à violência contra um membro da faculdade.

Uma voz de mulher ressoou:

— Cuidado, Professor!

Seldon suspirou e olhou o jovem enorme que tinha pela frente. Não sabia se o conseguiria fazer, se os seus reflexos eram suficientemente rápidos, os seus músculos suficientemente robustos, mesmo considerando as suas proezas como praticante de artes marciais.

Um dos gorilas aproximava-se dele, com excesso de confiança, é claro. Não muito depressa, o que deu a Seldon o tempo de que o seu corpo envelhecido precisaria. O gorila estendeu o braço num gesto de confronto, o que tornava a coisa mais fácil.

Seldon agarrou-lhe o braço, rodopiou e curvou-se, levantou o braço e depois baixou-o (com um gemido — porque tinha ele de gemer?) e o gorila voou pelos ares, impulsionado em parte pelo seu próprio ímpeto. Aterrou com um baque sobre o bordo exterior do estrado, deslocando o ombro direito.

A audiência soltou um grito perante o desenvolvimento completamente inesperado. Instantaneamente, um orgulho institucional eclodiu.

— Dê-lhes, Prof! — gritou uma voz solitária. Outros retomaram o grito.

Seldon alisou o cabelo para trás, tentando não ofegar. Com o pé, empurrou o gemebundo gorila caído para fora do estrado.

— Mais alguém? — perguntou ele, em tom prazenteiro. — Ou vão-se embora calmamente? — Encarou Namarti e os seus cinco capangas e, vendo-os hesitantes e irresolutos, Seldon disse: — Aviso-vos. A multidão agora está do meu lado. Se tentarem correr comigo, eles desfazem-vos... Muito bem, quem é o próximo? Vamos. Um de cada vez.

Elevara a voz na última frase e fizera pequenos gestos de chamamento com os dedos. O deleite da multidão traduziu-se em gritos.

Namarti permaneceu onde estava, imperturbável. Seldon saltou adiante dele e prendeu-lhe o pescoço com o braço. Agora, havia estudantes a subir para o estrado, a gritar «Um de cada vez! Um de cada vez!» e a pôr-se entre os guarda-costas e Seldon.

Seldon aumentou a pressão na traqueia do outro e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Há uma forma de fazer isto, Namarti, e eu sei qual é. Pratiquei-a durante anos. Se tentares mexer-te e soltar-te, eu destruo-te a laringe de modo que nunca mais voltarás a conseguir falar a não ser por sussurros. Se dás valor à tua voz, faz o que te digo. Quando te largar, dizes ao teu bando de rufiões para se irem embora. Se disseres mais alguma coisa, serão as últimas palavras que pronunciarás de forma normal. E se alguma vez voltares a este *campus*, acabou-se o Senhor Simpático. Terminarei o trabalho.

Aliviou a pressão, momentaneamente. Namarti disse, com voz enrouquecida:

— Todos vocês. Saiam daqui.

Recuaram rapidamente, ajudando o seu camarada aflito.

Quando os seguranças da Universidade chegaram, pouco depois, Seldon disse:

— Lamento, cavalheiros. Falso alarme.

Abandonou o Campo e retomou o seu passeio até casa com mais do que um pequeno pesar. Tinha revelado um lado de si mesmo que não queria revelar. Ele era Hari Seldon; matemático, não Hari Seldon, lutador sádico.

Além disso, pensou ele sombriamente, Dors ouviria falar disto. De facto, seria melhor ele próprio contar-lhe, para ela não ouvir uma versão que tornasse o incidente pior do que realmente era.

Ela não iria ficar contente.

### 3

**N**ão ficou.

Dors estava à espera dele, à porta do apartamento de ambos numa atitude desconfiada, com uma mão na anca, com um ar muito semelhante ao que tivera quando ele a conhecera naquela mesma Universidade, oito anos antes: esguia, corpo bem torneado, cabelo encaracolado vermelho-dourado — muito bela aos seus olhos, mas não muito bela em nenhum sentido objetivo, embora ele nunca tivesse sido capaz de a avaliar objetivamente após os primeiros dias de amizade entre ambos.

Dors Venabili! Foi isso que pensou quando viu o seu rosto calmo. Havia muitos mundos, até mesmo muitos sectores de Trantor, onde teria sido normal chamar-lhe Dors Seldon, mas ele sempre pensou que isso colocaria nela uma marca de propriedade e ele não o desejava, apesar de o costume ser sancionado pelo facto de a sua existência remontar às névoas vagas do passado pré-imperial.

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

Dors disse, suavemente e com um triste abanar de cabeça que mal perturbou os seus caracóis soltos:

— Já ouvi dizer, Hari. *O que* vou eu fazer contigo?

— Um beijo não estaria mal.

— Bem, talvez, mas só depois de aprofundarmos isto um pouco. Entra.

— A porta fechou atrás deles. — Sabes, querido, eu tenho o meu curso e a minha investigação. Ainda estou a fazer aquela horrível história do Reino de Trantor, que me dizes ser essencial para o teu trabalho. Devo deixar tudo isso e começar a vaguear por aí contigo, para te proteger? Isso continua a caber-me a mim, tu sabes. É mais do que nunca o meu trabalho, agora que estás a fazer progressos na psico-história.

— A fazer progressos? Quem dera que estivesse. Mas não precisas de me proteger.

— Não preciso? Mandei o Raych à tua procura. Afinal, estavas atrasado e eu fiquei preocupada. Costumas dizer-me quando vais chegar tarde. Lamento se isso me faz parecer a tua guardiã, Hari, mas eu *sou* a tua guardiã.

— Não te ocorre, Guardiã Dors, que de vez em quando gosto de me soltar da trela?

— E alguma coisa te acontecer, o que digo ao Demerzel?

— Estou muito atrasado para jantar? Já tocámos para o serviço de cozinha?

— Não. Estava à tua espera. E, uma vez que estás cá, toca tu. És muito mais esquisito do que eu no que toca a comida. E não mudes de assunto.

— O Raych não te disse que eu estava bem? Então, o que há para falar?

— Quando ele te encontrou, tinhas o controlo da situação e ele voltou e chegou cá primeiro, mas não por muito. Não ouvi quaisquer detalhes. Conta-me... O que... estavas... tu... a fazer?

Seldon encolheu os ombros.

— Havia um ajuntamento ilegal, Dors, e eu interrompi-o. A Universidade poderia ter uma porção de problemas de que não precisava se eu não o tivesse feito.

— E cabia-te a ti impedi-lo? Hari, já deixaste de ser lutador. És um...

Ele interpôs, apressadamente:

— Um velho?

— Para lutador, sim. Tens quarenta anos. Como te sentes?

— Bem... um pouco perro.

— Bem posso imaginar. E um destes dias, quando tentares fingir que és um jovem atleta heliconiano, vais partir uma costela... Agora, conta-me.

— Bem, eu disse-te como o Amaryl me avisou que o Demerzel estava com problemas por causa da demagogia do Jo-Jo Joranum.

— Jo-Jo. Sim, até aí sei eu. O que é que *eu não sei*? O que aconteceu hoje?

— Havia um comício no Campo. Um partidário do Jo-Jo chamado Namarti estava a falar à multidão...

— O Namarti é o Gambol Deen Namarti, o braço-direito do Joranum.

— Bem, sabes mais do assunto do que eu. De qualquer forma, ele estava a falar para uma grande multidão e não tinha qualquer autorização e eu acho que ele tinha a esperança de que houvesse alguma espécie de motim. Eles alimentam-se destas desordens e se ele conseguisse fechar a Universidade, mesmo que fosse temporariamente, acusaria o Demerzel de destruir a liberdade académica. Pelo que percebo, culpam-no de tudo e mais alguma coisa. Por isso, detive-os... mandei-os embora sem motim.

— Pareces orgulhoso.

— Porque não? Nada mal para um quarentão.

— Foi por isso que o fizeste? Para testar a tua condição aos quarenta?

Seldon clicou pensativamente na ementa do jantar. Depois disse:

— Não. Fiquei realmente preocupado que a Universidade arranjasse problemas desnecessários. E estava preocupado com o Demerzel. Receio que as histórias de perigo do Yugo me impressionaram mais do que me dei conta. Isso foi estúpido, Dors, porque eu sei que o Demerzel pode tomar conta de si próprio. Não conseguiria explicar isso ao Yugo ou a mais alguém além de ti. — Respirou profundamente. — É extraordinário o prazer que é poder pelo menos falar contigo acerca disso. Tu sabes e eu sei e o Demerzel sabe e mais ninguém sabe, pelo menos que eu saiba, que o Demerzel é intocável.

Dors carregou num contacto num painel embutido na parede e o sector das refeições dos seus aposentos encheu-se de uma luminosidade suave, cor de pêssego. Juntos, ela e Hari encaminharam-se para a mesa, que já estava posta com linhos, cristais e utensílios. Quando se sentaram, o jantar começou a chegar — nunca havia grandes atrasos àquela hora da noite — e Seldon aceitou-o com bastante naturalidade. Há muito que se acostumara à posição social que tornava desnecessário patrocinar os jantares da faculdade.

Seldon saboreou os temperos de que tinha aprendido a gostar durante a estadia deles em Micogénio — a *única* coisa nesse sector estranho, dominado por homens, permeado pela religião, vivendo no passado, que não tinham detestado.

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

Dors disse, suavemente:

— O que queres dizer com «intocável»?

— Ora, querida, ele pode alterar as emoções. Não te esqueceste disso. Se o Joranum se tornar realmente perigoso, pode ser — fez um gesto vago com as mãos — alterado, obrigado a mudar de ideias.

Dors pareceu ficar incomodada e a refeição prosseguiu num silêncio inabitual. Foi apenas quando ela terminou e os restos — pratos, talheres e tudo o mais — rodopiaram pelo canal de escoamento no centro da mesa (que depois se cobriu suavemente) que ela disse:

— Não tenho a certeza de que quero falar disto, Hari, mas não posso deixar que sejas enganado pela tua própria inocência.

— Inocência? — Franziu o cenho.

— Sim. Nunca falámos disto. Nunca pensei que isto surgisse, mas o Demerzel tem falhas. Ele não é intocável, podem fazer-lhe mal, e o Joranum constitui realmente um perigo para ele.

— Estás a falar a sério?

— Claro que estou. Não compreendes robôs... certamente não um tão complexo como o Demerzel. E eu sim.

## 4

**H**ouve de novo um breve silêncio. Mas só porque os pensamentos são silenciosos. Os de Seldon eram bastante tumultuosos.

Sim, era verdade. A sua mulher parecia de facto ter um misterioso conhecimento sobre robôs. Hari interrogara-se tantas vezes sobre isso ao longo dos anos que finalmente acabara por desistir, arrumando o assunto no fundo da sua mente. Se não fosse Eto Demerzel — um robô —, Hari nunca teria conhecido Dors. Porque Dors *trabalhava* para Demerzel; foi Demerzel quem lhe «atribuiu» o caso de Hari, havia oito anos, para o proteger durante a sua fuga através dos vários sectores de Trantor. Mesmo se agora ela fosse mulher dele, o seu ponto de apoio, a sua «melhor metade», Hari ainda se interrogava ocasionalmente acerca da estranha ligação de Dors com o robô Demerzel. Era a única área da vida de Dors a que Hari sentia realmente não pertencer — nem acolher de bom grado. E isso trouxe-lhe à mente a pergunta mais dolorosa de todas: Fora por obediência a Demerzel que Dors ficara com Hari ou fora por *amor*? Ele queria acreditar na segunda hipótese, mas, no entanto...

A sua vida com Dors Venabili era feliz, mas isso tinha um preço,

dependia de uma condição. A condição era tanto mais exigente quanto não fora estabelecida através de discussão ou acordo, mas por mútuo entendimento tácito.

Seldon compreendia que encontrara em Dors tudo o que teria desejado numa esposa. É verdade que não tinha filhos, mas nem esperara ter nenhum, nem, para dizer a verdade, quisera intensamente ter algum. Tinha Raych, que era tanto seu filho emocionalmente como se tivesse herdado todo o genoma seldoniano — talvez até mais.

O mero facto de Dors estar a fazê-lo pensar no assunto quebrava o entendimento que os mantivera em paz e conforto todos aqueles anos, e ele sentiu um ligeiro, mas crescente, ressentimento em relação a isso.

Mas obrigou-se, de novo, a afastar aqueles pensamentos e perguntas. Aprendera a aceitar o papel dela como sua protetora e continuaria a fazê-lo. Afinal, era com ele que ela partilhava uma casa, uma mesa e uma cama — não com Eto Demerzel.

A voz de Dors fê-lo sair do seu devaneio.

— Eu disse... Estás amuado, Hari?

Ele estremeceu levemente, pois havia um tom de repetição na voz dela, e ele deu-se conta de que estivera a recolher-se progressivamente na sua mente, afastando-se dela.

— Peço desculpa, querida. Não estou amuado... Não deliberadamente amuado. Estou apenas a perguntar-me como deveria responder à tua afirmação.

— Sobre robôs? — Ela parecia bastante calma ao articular a palavra.

— Disseste que eu não sabia tanto sobre eles como tu sabes. Como respondo a isso? — Fez uma pausa, depois acrescentou baixinho (sabendo que estava a correr um risco). — Isto é, sem ofensa.

— Eu não disse que tu não *sabias* nada sobre robôs. Se vais citar-me, fá-lo com precisão. Eu disse que não *comprendias* robôs. Estou certa de que sabes imenso, talvez mais do que eu, mas saber não é necessariamente compreender.

— Ora, Dors, estás a falar deliberadamente por paradoxos apenas para chatear. Um paradoxo surge de uma ambiguidade que engana quer involuntariamente quer de propósito. Não gosto disso em ciência e também não gosto disso em conversas informais, a menos que haja uma intenção humorística, que penso não ser o caso neste momento.

Dors riu-se no seu modo particular de rir, suavemente, quase como se o divertimento fosse demasiado precioso para ser partilhado com excessiva liberalidade.

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

— Aparentemente, o paradoxo aborreceu-te ao ponto de ficares pomposo, e és sempre cómico quando ficas pomposo. Contudo, vou explicar. Não é minha intenção chatear-te.

Estendeu a mão para acariciar a dele e foi com surpresa (e um leve embaraço) que Seldon descobriu que fechara a mão de modo a ficar de punho cerrado.

Dors disse:

— Falas imenso sobre psico-história. A mim, pelo menos. Sabes disso? Seldon pigarreou.

— Fico à tua mercê no que a isso diz respeito. O projeto é secreto, pela sua própria natureza. A psico-história não funcionará a menos que as pessoas que ela afeta não saibam nada sobre ela, por isso só posso falar acerca disso com o Yugo e contigo. Para o Yugo, é tudo intuição. Ele é brilhante, mas está tão pronto a saltar cegamente para a escuridão que eu tenho de desempenhar o papel da cautela, de permanentemente o conter. Mas eu também tenho os meus pensamentos loucos e ajuda-me ser capaz de os ouvir em voz alta, mesmo — e aqui ele sorriu — quando tenho uma noção bastante exata de que não compreendes uma única palavra do que estou a dizer.

— Eu sei que sou a tua caixa de ressonância e não me importo... *Realmente* não me importo, Hari, por isso, não comeces a tomar decisões íntimas para mudar o teu comportamento. Naturalmente, não compreendo a tua matemática. Sou apenas uma historiadora, e nem sequer uma historiadora da ciência. A influência da mudança económica no desenvolvimento político é o que me toma o tempo neste momento...

— Sim, e eu sou a *tua* caixa de ressonância em relação a isso, ou não te apercebeste? Vou precisar dela para a psico-história quando chegar o momento, por isso suspeito que para mim serás uma ajuda indispensável.

— Ótimo! Agora que estabelecemos a razão pela qual ficas comigo... eu sabia que não poderia ser pela minha beleza etérea... deixa-me continuar para explicar que, ocasionalmente, quando a tua discussão se desvia dos aspetos estritamente matemáticos, acho que entendo a tua deriva. Explicaste-me, em várias ocasiões, aquilo a que chamas a necessidade de minimalismo. Acho que compreendo isso. Queres dizer com isso...

— Eu sei o que quero dizer.

Dors pareceu magoada.

— Menos altivez, por favor, Hari. Não estou a tentar explicar-te isso a ti. Quero explicá-lo a mim própria. Dizes que és a minha caixa de ressonância, por isso age como tal. Virar o jogo é válido, não é?

— Virar o jogo está muito bem, mas se vais acusar-me de altivez quando digo uma pequena...

— Chega! Cala-te!... Disseste-me que o minimalismo é da mais elevada importância em psico-história aplicada; na arte de tentar mudar um desenvolvimento indesejado para outro que seja desejado ou, de qualquer modo, um menos indesejado. Disseste que tem de ser aplicada uma mudança que seja tão mínima, tão mínima quanto possível...

— Sim — disse Seldon, ansiosamente —, isso é porque...

— Não, Hari. *Estou* a tentar explicar. Ambos sabemos que *tu* compreendes isto. Tem de haver minimalismo porque todas as mudanças, quaisquer mudanças, têm uma miríade de efeitos colaterais que nem sempre podem ser permitidos. Se a mudança for demasiado grande e os efeitos colaterais demasiado numerosos, torna-se certo que o resultado será muito afastado do que foi planeado e que seria totalmente imprevisível.

— Certo — disse Seldon. — Essa é a essência de um efeito caótico. O problema é saber se qualquer mudança é suficientemente pequena para tornar a consequência razoavelmente previsível ou se a história humana é inevitável e inexoravelmente caótica em todos os aspetos. Foi isso que, inicialmente, me fez pensar que a psico-história não era...

— Eu sei, mas não me estás a deixar chegar onde quero. Saber se qualquer mudança seria ou não suficientemente pequena não é a questão. A questão é que qualquer mudança maior do que mínima é caótica. O mínimo requerido pode ser zero, mas se não for zero, continua a ser muito pequeno... e seria um grande problema encontrar alguma mudança que seja suficientemente pequena e, no entanto, significativamente maior do que zero. Ora, pelo que percebo, é o que queres dizer com a necessidade de minimalismo.

— Mais ou menos — disse Seldon. — É claro que, como sempre, a questão é expressa de forma mais condensada e mais rigorosa na linguagem da matemática. Vê aqui...

— Poupa-me — disse Dors. — Uma vez que sabes isso em relação à psico-história, Hari, deverias sabê-lo também em relação ao Demerzel. Tens o conhecimento, mas não a compreensão, porque aparentemente não te ocorre aplicar as regras da psico-história às Leis da Robótica.

Ao que Seldon replicou com voz sumida:

— Agora *não* estou a ver onde é que queres chegar.

— Ele também requer minimalidade, não é, Hari? Pela Primeira Lei da Robótica, um robô não pode fazer mal a um ser humano. Esta é a regra principal para um robô normal, mas o Demerzel não é bem um robô

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

normal e, para ele, a Lei Zero é uma realidade e assume precedência até sobre a Primeira Lei. A Lei Zero afirma que um robô não pode fazer mal à humanidade como um todo. Mas isso coloca o Demerzel na mesma situação em que te encontras quando trabalhas na psico-história. Entendes?

— Estou a começar a entender.

— Espero que sim. Se o Demerzel tem a capacidade de alterar mentes, ele tem de o fazer sem provocar efeitos colaterais que não deseja. E uma vez que é o Primeiro-Ministro do Imperador, os efeitos colaterais com que tem de se preocupar são realmente numerosos.

— E a aplicação ao caso presente?

— Pensa nisso! Não podes dizer a ninguém, exceto a mim, claro, que o Demerzel é um robô, porque ele te ajustou para não o poderes fazer. Mas qual foi o grau de ajustamento necessário? Queres dizer às pessoas que ele é um robô? Queres arruinar a sua eficácia quando dependes da proteção dele, do seu apoio para as tuas bolsas, da influência que ele exerce discretamente a teu favor? Claro que não. A mudança que ele teve de fazer foi uma mudança muitíssimo pequena, apenas a suficiente para te impedir de o dizer da boca para fora num momento de excitação ou descuido. É uma mudança tão pequena que não existem quaisquer efeitos colaterais particulares. É assim que, em geral, o Demerzel tenta dirigir o Império.

— E o caso do Joranum?

— É obviamente completamente diferente do teu. Ele opõe-se inflexivelmente, seja por que motivos for, ao Demerzel. Sem dúvida que o Demerzel o poderia alterar, mas isso teria o preço de introduzir uma considerável modificação na composição do Joranum, o que teria consequências que o Demerzel não poderia prever. Mais do que correr o risco de fazer mal ao Joranum, de produzir efeitos colaterais que fariam mal a outros e, possivelmente, a toda a humanidade, ele tem de deixar o Joranum em paz até poder descobrir alguma pequena mudança, alguma *pequena* mudança, que salvará a situação sem fazer mal a ninguém. É por isso que o Yugo tem razão e é por isso que o Demerzel é vulnerável.

Seldon escutara, mas não respondera. Parecia absorto nos seus pensamentos. Passaram alguns minutos antes de dizer:

— Se o Demerzel não pode fazer nada quanto a este assunto, então tenho eu de o fazer.

— Se ele não pode fazer nada, o que podes tu fazer?

— O caso é diferente. Eu não estou vinculado às Leis da Robótica. Não preciso de me preocupar obsessivamente com o minimalismo... e, para começar, tenho de ver o Demerzel.

Dors pareceu ficar ligeiramente ansiosa.

— Tens? Certamente não seria sensato publicitar a relação de vocês os dois.

— Chegámos a um momento em que não podemos insistir obsessivamente na pretensão de que não há nenhuma ligação entre os dois. Naturalmente, não irei vê-lo ao som de um floreado de trombetas e com um anúncio na holovisão, mas tenho de o ver.

## 5

**S**eldon deu por si impaciente com a passagem do tempo. Oito anos antes, quando chegara a Trantor, poderia agir instantaneamente. Apenas tinha de abandonar um quarto de hotel e o seu conteúdo e poderia percorrer os sectores de Trantor à vontade.

Agora dava por si com reuniões de departamento, com decisões para tomar, com trabalho para fazer. Não era tão fácil sair a correr para ir ter com Demerzel — e, se pudesse, Demerzel tinha também a sua própria agenda cheia. Arranjar um momento em que ambos se pudessem encontrar não seria fácil.

Nem era fácil ver Dors a abanar a cabeça diante dele.

— Não sei o que pretendes fazer, Hari.

E ele respondeu, impacientemente:

— Eu também não sei o que pretendo fazer, Dors. Espero descobrir quando estiver com o Demerzel.

— A tua primeira obrigação é a psico-história. É o que ele te dirá.

— Talvez. Irei descobrir.

E então, quando já tinha combinado uma hora para o encontro com o Primeiro-Ministro, dali a oito dias, recebeu uma mensagem no ecrã da parede do seu gabinete do departamento numa letra ligeiramente arcaica: ALMEJO UMA AUDIÊNCIA COM O PROFESSOR HARI SELDON.

Seldon fitou-a, atónito. Nem mesmo ao Imperador alguém se dirigia naqueles termos antiquados.

Nem a assinatura fora impressa, como habitualmente era, para maior clareza. Estava rabiscada com um floreado que a deixava perfeitamente legível e, no entanto, lhe dava a aura de uma obra de arte descuidada executada por um mestre. A assinatura era: LASKIN JORANUM. Era o próprio Jo-Jo, a implorar uma audiência.

Seldon deu por si a rir. Era clara a razão da escolha de palavras... e

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

a razão do rabisco. Transformava o que era um simples pedido num dispositivo para estimular a curiosidade. Seldon não tinha grande desejo de conhecer o homem — ou não teria tido nenhum normalmente. Mas o que seria merecedor do arcaísmo e do toque artístico? Queria descobrir.

Mandou a sua secretária marcar a hora e o local do encontro. Seria no seu gabinete, certamente não no seu apartamento. Uma conversa de negócios, nada de social.

E seria antes da projetada reunião com Demerzel.

Dors disse:

— Não me surpreende, Hari. Magoaste dois dos dele, um deles o seu principal assistente; estragaste um pequeno comício que ele estava a realizar; e levaste-o a fazer, na pessoa dos seus representantes, figura de parvo. Quer olhar para ti e eu acho que será melhor eu estar contigo.

Seldon abanou a cabeça.

— Levarei o Raych. Ele sabe todos os truques que eu sei e é um jovem de vinte anos, forte e ativo. Embora eu tenha a certeza de que não haverá necessidade de proteção.

— Como podes ter a certeza?

— O Joranum vem ver-me nas instalações da Universidade. Haverá uma porção de jovens nas imediações. Não sou exatamente uma figura impopular entre os alunos e suspeito que o Joranum é o género de homem que faz o seu trabalho de casa e sabe que estarei em segurança no meu território. Tenho a certeza de que vai ser perfeitamente educado, completamente amistososo.

— Hmph — disse Dors, torcendo ligeiramente o canto do lábio.

— E bastante letal — terminou Seldon.

## 6

**H**ari Seldon manteve uma expressão impassível e curvou a cabeça apenas o suficiente para permitir uma razoável impressão de cortesia. Dera-se ao trabalho de olhar para um sortido de holografias de Joranum, mas, como acontece com frequência, a coisa real, desprotegida, mudando constantemente em reação às condições em mutação, nunca é bem o mesmo que uma holografia — por mais cuidadosamente que se tenha preparado. Talvez, pensou Seldon, seja a reação do espectador à «coisa real» que a torna diferente.

Joranum era um homem alto — tão alto quanto Seldon, de qualquer

modo —, mas maior noutras direções. Não se devia ao físico musculado, pois dava a impressão de suavidade, sem ser bem gordo. Um rosto redondo, uma cabeça coberta de cabelo espesso, que era mais cor de areia do que amarelo, olhos azul-claros. Envergava um fato-macaco discreto e o seu rosto exibia um meio sorriso que dava a ilusão de simpatia ao mesmo tempo que, de algum modo, tornava claro que era apenas uma ilusão.

— Professor Seldon — a sua voz era profunda e perfeitamente controlada, uma voz de orador —, estou encantado por conhecê-lo. É muito gentil da sua parte permitir este encontro. Confio que não fique ofendido por eu ter trazido um companheiro comigo, o meu braço-direito, embora não tenha esclarecido isso consigo previamente. Trata-se de Gambol Deen Namarti, três nomes, como vê. Creio que já o conheceu.

— Sim, já conheci. Lembro-me bem do incidente. — Seldon olhou Namarti com uma ponta de sarcasmo. No encontro anterior, Namarti estivera a discursar no Campo Universitário. Seldon mirou-o com mais atenção agora, em circunstâncias mais descontraídas. Namarti era mediano de altura, com um rosto magro, tez pálida, cabelo escuro e uma boca grande. Não tinha o meio sorriso de Joranum ou qualquer expressão perceptível, a não ser um ar de prudente desconfiança.

— O meu amigo Doutor Namarti, a sua graduação é em literatura antiga, veio a seu próprio pedido — disse Joranum, intensificando um pouco o sorriso —, para se desculpar.

Joranum olhou rapidamente para Namarti — e Namarti, apertando os lábios inicialmente, disse numa voz descolorida:

— Peço desculpa, Professor, pelo que aconteceu no Campo. Não estava bem ciente das regras estritas que regem as reuniões na Universidade e fui um pouco levado pelo meu entusiasmo.

— Compreensivelmente — disse Joranum. — Nem estava inteiramente ao corrente da sua identidade. Acho que agora todos podemos esquecer o assunto.

— Garanto-vos, cavalheiros — disse Seldon —, que não tenho grande desejo de me recordar dele. Este é o meu filho, Raych Seldon, bem veem que também eu tenho um companheiro.

Raych deixara crescer o bigode, negro e farto — a marca masculina do dahlita. Não tivera nenhum quando conhecera Seldon havia oito anos, quando era um rapaz da rua, esfarrapado e esfaimado. Era baixo, mas ágil e vigoroso, e a sua expressão era de altivez, que tinha adotado para adicionar umas quantas polegadas espirituais à sua altura física.

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

— Bom-dia, jovem — disse Joranum.

— Bom-dia, senhor — respondeu Raych.

— Por favor, meus senhores, sentem-se — disse Seldon. — Posso oferecer-vos alguma coisa para comer ou beber?

Joranum ergueu as mãos numa recusa educada.

— Não, senhor. Está não é uma visita social. — Sentou-se no lugar indicado. — Embora espero que no futuro haja muitas visitas dessas.

— Se isto vai ser sobre negócios, comecemos.

— Professor Seldon, a notícia do pequeno incidente que o senhor tão gentilmente concordou em esquecer chegou até mim e eu interrogo-me sobre a razão de o senhor se ter arriscado a fazer o que fez. Foi um risco, tem de admitir.

— Na realidade, não acho.

— Mas eu achei. Por isso tomei a liberdade de descobrir tudo o que pude sobre si, Professor Seldon. O senhor é um homem interessante. De Helicon, descobri eu.

— Sim, foi onde eu nasci. Os registos são claros.

— E está aqui em Trantor há oito anos.

— Isso também é do conhecimento público.

— E tornou-se bastante famoso inicialmente ao ler uma comunicação matemática sobre... como é que lhe chama, psico-história?

Seldon abanou a cabeça muito levemente. Quantas vezes lamentara aquela indiscrição. É claro que naquele momento não fizera ideia de que se tratava de uma indiscrição. Disse:

— Um entusiasmo juvenil. Não deu em nada.

— A sério? — Joranum olhou em redor com um ar agradavelmente surpreendido. — No entanto, aqui está você, diretor do Departamento de Matemática de uma das maiores Universidades de Trantor, e apenas com quarenta anos, creio... Já agora, eu tenho quarenta e dois, por isso não o vejo como muito velho. Você deve ser um matemático muito competente para estar nesta posição.

Seldon encolheu os ombros.

— Não me compete fazer um julgamento nessa matéria.

— Deve ter amigos poderosos.

— Todos gostaríamos de ter amigos poderosos, Senhor Joranum, mas creio que não encontrará nenhum aqui. Os professores universitários raramente têm amigos poderosos ou, como por vezes acho, amigos de qualquer tipo. — Sorriu.

E Joranum também sorriu.

— Não consideraria o Imperador um amigo poderoso, Professor Seldon?

— Certamente que sim, mas o que tem isso que ver comigo?

— Tenho a impressão de que o Imperador é seu amigo.

— Estou certo de que os registos mostrarão, Senhor Joranum, que tive uma audiência com Sua Imperial Majestade há oito anos. Durou talvez uma hora ou menos e não vi nele quaisquer sinais de grande amizade na altura. Nem falei com ele, ou sequer o vi, desde então, exceto por holovisão, é claro.

— Mas, Professor, não é necessário estar ou falar com o Imperador para tê-lo como amigo poderoso. É suficiente estar ou falar com o Eto Demerzel, o Primeiro-Ministro do Imperador. O Demerzel é seu protetor e, uma vez que o é, podemos dizer que o Imperador também o é.

— Encontra a suposta proteção do Primeiro-Ministro Demerzel em alguma parte dos registos? Ou alguma coisa nos registos da qual possa deduzir essa proteção?

— Porquê procurar nos registos quando é bem sabido que existe uma ligação entre os dois? Você sabe disse e eu sei disso. Dêmos isso por adquirido e continuemos. E, por favor — levantou as mãos — não se dê ao trabalho de negar isso com veemência. É uma perda de tempo.

— Na realidade — disse Seldon —, ia perguntar-lhe por que razão haveria o senhor de pensar que ele me quereria proteger. Com que finalidade?

— Professor! Está a tentar magoar-me ao fingir achar que sou um monstro de ingenuidade? Eu referi a sua psico-história, que o Demerzel quer.

— E eu disse-lhe que isso foi uma indiscrição juvenil que não deu em nada.

— Pode dizer-me muitas coisas, Professor. Não me sinto obrigado a aceitar qualquer coisa que me diga. Vamos, deixe-me falar francamente. Li a sua comunicação original e tentei compreendê-la com a ajuda de alguns matemáticos da minha equipa. Dizem-me que é um sonho e bastante impossível...

— Bem que eu concordo com eles — disse Seldon.

— Mas eu tenho a sensação de que o Demerzel está à espera que ela se desenvolva e seja utilizada. E se ele pode esperar, eu também posso. Seria mais útil para si, Professor, ter-me a mim à espera.

— Porquê?

— Porque o Demerzel não se aguentará na sua posição por muito mais tempo. A opinião pública está progressivamente a voltar-se contra

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

ele. Pode muito bem acontecer que, quando o Imperador se cansar de um Primeiro-Ministro impopular que ameaça arrastar o trono para o fundo consigo, ele encontre um substituto. Pode até ser na minha pobre pessoa que o capricho do Imperador se vá concentrar. E você continuará a precisar de um protetor, alguém que possa garantir que poderá trabalhar em paz e com amplos fundos para tudo aquilo de que necessitar em termos de equipamento e assistentes.

— E você seria esse protetor?

— Claro... e pela mesma razão que o Demerzel é. Quero uma técnica psico-histórica bem-sucedida de forma a poder governar o Império mais eficientemente.

Seldon assentiu pensativamente, esperou um momento, depois disse:

— Mas, nesse caso, Senhor Joranum, porque devo eu preocupar-me com isso? Sou um pobre acadêmico, com uma vida sossegada, ocupado em atividades matemáticas e pedagógicas fora do comum. O senhor diz que o Demerzel é o meu atual protetor e que você será o meu futuro protetor. Então eu posso continuar calmamente a fazer o que faço. Você e o Primeiro-Ministro podem digladiar-se. Seja quem for que prevaleça, eu continuo a ter um protetor... ou, pelo menos, é o que você me diz.

O sorriso fixo de Joranum pareceu desvanecer-se um pouco. Namarti, a seu lado, voltou o rosto severo para Joranum e pareceu ir dizer alguma coisa, mas a mão de Joranum fez um ligeiro movimento e Namarti tossiu e não disse nada.

Joranum disse:

— Doutor Seldon. O senhor é patriota?

— Ora, claro que sim. O Império deu à humanidade milênios de paz, sobretudo de paz, de qualquer modo, e promoveu um progresso constante.

— Assim aconteceu, mas a um ritmo mais lento desde há um ou dois séculos.

Seldon encolheu os ombros.

— Não estudei esse assunto.

— Não tem de o fazer. Sabe que, politicamente, os últimos um ou dois séculos foram uma época de turbulência. Os reinados imperiais foram curtos e por vezes foram encurtados por via do assassinato...

— Apenas a menção a isso — interpôs Seldon — aproxima-se da traição. Preferiria que você não...

— Aí tem. — Joranum recostou-se vigorosamente na cadeira. — Veja quão inseguro você está. O Império está em decadência. Estou disposto

a dizê-lo abertamente. Aqueles que me seguem, fazem-no porque sabem muito bem que está. Precisamos de alguém ao lado do Imperador que possa controlar o Império, dominar os impulsos rebeldes que parecem surgir em toda a parte, dar às forças armadas a liderança natural que deveriam ter, conduzir a economia...

Seldon fez um gesto impaciente com o braço.

— E é você quem vai fazer isso, não é verdade?

— Tenciono ser. Não será um trabalho fácil e duvido que haja muitos voluntários... por uma boa razão. Certamente que o Demerzel não consegue realizá-lo. Sob a sua mão, o declínio do Império está a acelerar para o colapso total.

— Mas você consegue impedi-lo?

— Sim, Doutor Seldon. Com a sua ajuda. Com a psico-história.

— Talvez o Demerzel pudesse impedir o colapso com a psico-história... se a psico-história existisse.

Joranum disse calmamente:

— Ela existe, não finjamos que não existe. Mas a sua existência não ajuda o Demerzel. A psico-história é apenas um instrumento. Precisa de um cérebro que a compreenda e de um braço que a empunhe.

— E presumo que você tem ambas as coisas.

— Sim. Conheço as minhas próprias virtudes. Quero a psico-história.

Seldon abanou a cabeça.

— Pode querê-la à sua vontade. Eu não a tenho.

— Você *tem-na*. Não vou discutir este ponto. — Joranum inclinou-se para mais perto, como se desejasse introduzir a sua voz no ouvido de Seldon, mais do que permitir que as ondas de som a transportassem até lá. — O senhor diz que é patriota. Eu tenho de substituir o Demerzel para evitar a destruição do Império. Porém, a própria forma de substituição poderia enfraquecer desesperadamente o Império. Não desejo isso. *Você* pode aconselhar-me sobre como atingir esse fim suavemente, subtilmente, sem danos ou prejuízo... pelo bem do Império.

Seldon disse:

— Não posso. Acusa-me de possuir um conhecimento que não possuo. Gostaria de poder ajudar, mas não posso.

Joranum ergueu-se subitamente.

— Bem, você sabe o que eu penso e o que quero de si. Pense nisso. E peça-lhe que pense no Império. Pode sentir que deve amizade ao Demerzel, esse espoliador de todos os milhões de planetas da humanidade. Tenha cuidado. O que fizer pode abalar as próprias fundações do Império. Peça-lhe

## ORIGENS DA FUNDAÇÃO

que me ajude, em nome dos quadrilhões de seres humanos que enchem a Galáxia. Pense no Império.

A sua voz não passava agora de um poderoso e eletrizante sussurro. O próprio Seldon quase estremeceu.

— Eu pensarei sempre no Império — disse ele.

Joranum disse:

— Então, isso é a única coisa que lhe peço neste momento. Obrigado por consentir em ver-me.

Seldon observou Joranum e o seu companheiro dirigirem-se para as portas do gabinete, que deslizaram silenciosamente, abrindo-se para deixar os homens saírem.

Franziu a testa. Alguma coisa o estava a incomodar — e não tinha a certeza do que era.

## 7

**O**s olhos negros de Namarti permaneceram fixados em Joranum quando ambos se sentaram no cuidadosamente protegido escritório no Sector Streeling. Não era um quartel-general muito elaborado; ainda eram, por enquanto, fracos em Streeling, mas haveriam de crescer e ficar mais fortes.

Era espantoso como o movimento estava a crescer. Começara do nada havia três anos e agora os seus tentáculos estendiam-se — nalguns locais mais consistentemente que noutros — por todo Trantor. A grande maioria dos Mundos Exteriores ainda não tinha sido tocada. Demerzel trabalhara poderosamente para os manter contentes, mas esse foi o *seu* erro. Era aqui em Trantor que as rebeliões eram perigosas. Noutros sítios, elas poderiam ser controladas. Aqui, Demerzel poderia ser derrubado. Era estranho que ele não conseguisse dar-se conta disso, mas Joranum sempre sustentara a teoria de que a reputação de Demerzel era exagerada, que ele se revelaria uma concha vazia se alguém ousasse opor-se-lhe, e que o Imperador o destruiria rapidamente se a sua própria segurança estivesse em jogo.

Até agora, pelo menos, todas as previsões de Joranum se tinham realizado. Nunca perdera o rumo, a não ser em questões menores, tal como aquele recente comício na Universidade de Streeling, na qual este tipo, Seldon, interferira.

Poderia ter sido essa a razão de Joranum ter insistido na entrevista com ele. Deve-se cuidar até mesmo de um pequeno espinho no pé. Joranum